

Milton Hatoum. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 240p.

O novo livro de Milton Hatoum, *A noite da espera*, é o registro fragmentário de um drama pessoal, esboçado em variações que o aprofundam e universalizam. Trata-se de um texto em que a forma impõe, ao profuso desenvolvimento temático, um conteúdo rigoroso.

Publicado em 2017, como abertura de uma trilogia intitulada *O lugar mais sombrio* e apresentado como um romance de formação, *A noite da espera* retoma a angústia das rupturas familiares, já explorada pelo autor em *Relatos de um certo Oriente* (1989) e *Dois irmãos* (2000). Seu caráter, no entanto, não é meramente material. A obra de Hatoum, tomada em conjunto, funciona como a reiteração, sempre inventiva, de uma fórmula em que o universo afetivo do indivíduo e sua vida em sociedade têm como vértice o esfacelamento da unidade familiar. Impõe-se, assim, a centralidade da família como estrutura *social* determinante do universo *psicológico*, ou seja, como um núcleo interseccional entre as duas dimensões pelas quais o autor transita.

Em *A noite da espera*, a ruptura se dá pelo fim do casamento de Lina e Rodolfo. Um rearranjo de vida se impõe ao casal e seu filho, Martim, quando a esposa decide abandonar o marido para viver com um artista plástico. A história é contada de Paris, no final da década de 1970, pelo próprio Martim.

O romance transita por duas linhas temporais, a que se desenvolve no exílio do narrador, e a que se compõe, em caráter epistolar, de suas memórias, anotações, correspondências e telefonemas. Uma década separa a vida modesta em Paris da adolescência tumultuada em Brasília, nos anos do recrudescimento da ditadura de 1964.

Ao se mudar para a nova capital com o pai, que optou por deixar São Paulo após o divórcio, Martim sofre pela distância dos avós maternos, sobretudo do avô, e de sua mãe. A chegada a Brasília, uma cidade na qual não queria estar, revela a paisagem sem gente, em que “tudo se confunde” e “nada lembra lugar algum” (p. 28). Mas é, em parte, essa ausência de lembranças que, aos poucos, faz com que a cidade se torne mais lar do que o apartamento que divide com o pai. Se ambos, a cidade e a casa, dizem pouco sobre Martim, é livre da presença enigmática e ameaçadora de Rodolfo que o jovem constitui as memórias que a narrativa recupera e traduz.

Longe de sua mãe, com quem tinha relação bastante próxima, Martim encontra dificuldades para estabelecer um vínculo com o pai. Era Lina quem lhe traduzia as expressões de Rodolfo. “Quando minha mãe olhava para mim, podia intuir as palavras, emoções, advertências... O olhar dela dizia: hoje você brigou no jogo de futebol, teu pai está aborrecido. Notas vermelhas no boletim: teu pai está furioso” (p. 33). O trecho mostra uma das raras vezes em que o narrador se refere à Lina como “mãe” fora de um diálogo. Mostra, ainda, a intimidade perdida, quando contraposto à dúvida sobre a sinceridade da mãe: “A falta de dinheiro era uma desculpa ou uma razão verdadeira” (p. 24). Sem Lina, a distância entre Martim e Rodolfo se amplia. A possibilidade de uma aproximação, quando ambos viajam para Brasília, esbarra na dureza de sentimentos divergentes sobre a perda que compartilham.

O resultado é uma tensão que se desdobrará em outros aspectos da vida de Martim. Solitário em Brasília, o jovem introspectivo encontra, nas descobertas da cidade e de novas personagens para sua vida, tanto as metáforas quanto os atenuantes que sobrepõem dramas pessoais e dramas políticos. A paisagem, tradução de um

universo interno que se torna, com as novas amizades, mais habitável, converte-se em uma espécie de *locus* fixador, rígido e objetivo, das experiências de vida de Martim.

Mobilizada pela efervescência política dos primeiros anos da ditadura, a juventude da capital demarca seu espaço no jogo de poder que se estabelece nas escolas e universidades a partir dos movimentos estudantis. O apoio ou a resistência ao regime militar pauta não apenas o espaço acadêmico, mas a vida social dos jovens.

O interesse de Martim por Dinah o leva a envolver-se com as atividades de seu grupo de teatro, que, progressivamente, assume uma postura ideológica e resistente ao governo militar. Do exílio, Martim relembra as festas do Colégio de Aplicação e da universidade e as disputas eleitorais entre os estudantes. Evoca as cenas de violência das autoridades do governo e o dogmatismo panfletário de alguns colegas. Mas o conteúdo político que emerge em suas memórias, embora de inquestionável importância, cumpre, assim como a cidade, um papel de referência. O envolvimento político de Martim é, em certa medida, menos ideologizado e mais incidental. A oposição ao governo militar o aproxima de Dinah e o afasta do pai, entusiasta do regime e dos generais. Seu encontro com os futuros amigos no cárcere se dá por uma cochilada distraída e não por algum ato subversivo. Diante do quadro nacional, o espírito de Martim sugere antes da resistência, a “deserção”, como acusa a namorada (p. 82) ao saber de seu sonho de refugiar-se em uma casinha de caiçara perto de Itanhaém.

A correspondência com a mãe nos primeiros anos do afastamento e a expectativa do reencontro permeiam os eventos que marcam a juventude do narrador em Brasília. As lembranças dos passeios com o avô em Santos e do suporte da família materna nos dias subsequentes à separação perpassam o texto que se elabora em Paris. É deste modo fragmentário que a trama é apresentada. Em linguagem econômica, Milton Hatoum distribui, no tempo e no espaço, a dispersão temática, apropriada ao romance que acompanha a trajetória de um adolescente nas descobertas do amor e do sexo, das liberdades e das contingências da vida.

Os fragmentos convergem para o esboço cuidadoso da compleição psicológica de um narrador marcado pelos eventos familiares que, por ocasião de uma ruptura, se reapresentam continuamente em novas nuances. São também os grandes eventos políticos que, decisivos para toda uma geração, poderosos em seu *sentido comum* e irreparáveis em sua violência, ainda guardam *sentidos íntimos* e *profundamente pessoais* que só podem ser restabelecidos numa apreciação total do indivíduo que os transforma em discurso.

Em *A noite da espera*, Milton Hatoum retoma, com êxito e inovação, sua fórmula literária e transita, com a habilidade que lhe é característica, entre o universal e o particular. Constrói, de modo rigoroso, uma estrutura narrativa em que os relatos, com suas distintas ênfases e esparsas continuidades, tencionam menos a reintegração da memória e do tempo do que a de um sujeito dessas memórias, circunstanciado por dramas familiares e políticos frente aos quais não se pode manter impermeável e que, ainda assim, não o destituem de sua inexpugnável individualidade.

Benhur Bortolotto

Mestrando em Letras da UFRGS